

Desmascarando Jeová, o falso deus

Introdução

Se I Jo.5:20 diz que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, então existe um que é falso, querendo parecer Deus (II Ts.2:4).

Em I Co.8:5 e 6 lemos que ainda que alguns neste mundo sejam chamados "deuses", há contudo apenas um Deus verdadeiro, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Há, contudo, um "príncipe das potestades do ar" que opera neste mundo, como diz Paulo em Ef.2:2.

Jesus afirmou que se os judeus tivessem lhe reconhecido, por causa disso provariam que também conheciam o Pai. Como isso não aconteceu, fica provado que eles não conheciam o verdadeiro Deus Pai (Jo.14:7).

Deus nunca foi visto por ninguém, como lemos em Jo.1:18; 5:37 e I Tm.6:16. Quando Jesus se manifestou a Paulo ninguém viu nada (At.9:7 e 8). Se Deus nunca foi visto por nenhum ser humano, como pode alguém pensar que aquele que falava com Moisés face a face (Ex.33:11) era o verdadeiro Deus?

Se em I Jo.4:12 e I Tm.6:16, que dizem respectivamente que "ninguém jamais viu a Deus" e "ninguém viu nem pode ver a Deus" e Jeová apareceu fisicamente para Abraão em Gn.12:7 e 17:1, fica provado que Jeová não é Deus.

Evidências de que Jeová não é o Deus verdadeiro

Vejamos a seguir algumas evidências que provam que Jeová não é o Deus Pai verdadeiro e que os seus preceitos no Velho Testamento são distintos dos preceitos de Jesus no Novo Testamento:

- Jeová promete apenas bênçãos terrenas na forma de bens, terras e descendência física (Gn.13:15 e 16; 12:7; 15:7 e 18; 17:8). No VT não se fala de Reino dos céus, nem de tesouros espirituais, nem sobre renúncia ou humildade. Jeová estimulou o apego às coisas materiais de forma contrária ao que Jesus ensinou. Tudo que é prometido como recompensa da parte de Jeová devia se cumprir aqui nesta Terra. No NT, porém, as promessas de Jesus referem-se à vida eterna (I Jo.2:25).
- Que dizer de alguém que aceita receber parte de um despojo de guerra? Pois Melquisedeque, que é a outra identidade de Jeová (vide o estudo "Quem é Melquisedeque?" também disponível neste Site), assim fez quando veio ao encontro de Abraão para abençoá-lo (ou parabenizá-lo) após a matança dos reis (Hb.7:4 e Gn.14:20). Diferentemente, o Pai recompensa as atitudes boas e honestas dos homens na ressurreição dos justos (Lc.14:14).
- Jeová justificou a destruição de Sodoma e Gomorra alegando que não haviam sequer 10 justos naquelas cidades (Gn.18:32). O que é um justo? Uma criança inocente é injusta? Jesus disse que dos tais é o Reino dos céus (Lc.18:16). No entanto, em Sodoma e Gomorra pereceram as crianças inocentes junto com os adultos. Portanto, ou Deus é injusto ou Jeová é um falso deus que atuou sobretudo no VT.
- Jeová tinha os seus prediletos que eram também os seus protegidos. Davi era um deles, o qual praticou o adultério, embora a Lei de Jeová em Lv.20:10 condenava os adúlteros à morte. Outro foi Judá, que cometeu o incesto, embora Lv.20:12 sentenciava à morte aquele que se deitasse com a sua nora. Até mesmo o predileto Abraão também cometeu o incesto, embora Lv.20:17 condenava à extirpação aquele que tomasse a sua irmã, filha de seu pai, como mulher (Gn.20:12). Se Jeová fosse justo, assim como tolerou os seus

protegidos fazendo "vista grossa", deveria também poupar outros que não tiveram a mesma sorte. Para o verdadeiro Pai, porém, não há acepção de pessoas e nem predileções (At.10:34 e 35; 15:8 e 9; Rm.2:11 e I Pe.1:13).

- A esterilidade era um dos castigos impostos por Jeová (Gn.20:18), assim como a fecundidade era a sua bênção (Sl.127:1) e a fertilidade era o prêmio para os que lhe obedeciam (Gn.29:31 a 35). Nos dias atuais, com as crises econômicas e com o controle da natalidade em muitos países, essa "bênção" da fertilidade de Jeová seria para muitos uma maldição. O Deus Pai verdadeiro, contudo, está mais preocupado com os filhos espirituais novamente nascidos do que com essa questão de esterilidade ou fertilidade física.
- A vontade do Pai é que todos tenham a vida eterna (Jo.6:40) e que ninguém se perca (II Pe.3:9). Em I Tm.2:4 lemos que Ele quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade. Em Jeová, porém, não vemos essa mesma vontade. De um modo geral, vemos Jeová com mais disposição para punir e condenar do que para perdoar e salvar. Para os judeus, o conceito do caráter de Deus era tão distorcido que eles imaginavam que as doenças congênitas eram herdadas dos pais na forma de castigos, como demonstraram os discípulos de Jesus ao interrogarem o Mestre (Jo.9:2 e 34).
- Os judeus afirmavam que Deus era pai deles mas Jesus afirmou que o pai deles era o diabo (Jo.8:41 e 44). Disse também que eles não eram de Deus (v.47) e que não conheciam a Deus (v.55). Ele afirmou ainda em Jo.8:55 e 7:28 que os judeus não conheciam o verdadeiro Deus Pai. A questão então é: quem conheciam eles então? A resposta é que eles conheciam apenas a Jeová, que se fazia passar pelo Deus Altíssimo.
- Deus não predestinou o homem para a ira e condenação, mas sim para a salvação (I Ts.5:9). Aquele que se ira constantemente e condena inocentes não revela o caráter misericordioso do verdadeiro Deus.
- Em I Jo.1:5 lemos que "Deus é luz e não há nele trevas nenhuma". Então aquele que ditava a lei no Sinai não era Deus e não tinha nada a ver com Ele, porque naquele ambiente só reinavam trevas e terror (Hb.12:18 e Ex.20:21). Jesus trouxe luz ao mundo que estava em trevas (Jo.1:4 e 5; 3:19). No VT as trevas espirituais prevaleciam e os homens estavam cegos para compreender a mensagem do Reino de Deus.
- Em I Jo.4:6 temos a distinção entre o espírito da verdade e o espírito do erro (mentira). Se o espírito da mentira não tem a ver com Deus, de quem procedia aquele "espírito de mentira" de II Cr.18:22 enviado por aquele que se fazia passar por Deus? Jesus identificou o diabo como "pai da mentira" (Jo.8:44), portanto quem mente ou acolhe a mentira tem parte com o diabo. É de admirar que Jeová pudesse enviar um espírito de mentira e querer depois fazer-se passar pelo Deus da verdade!

O plano frustrado de Jeová

Davi era símbolo do rei messiânico. A pessoa de Davi era segundo o coração de Jeová (I Sm.13:14; I Re. 11:4 e 15:3; At.13:22). O caráter fiel e conquistador de Davi era valorizado por Jeová, que via nele um modelo para o seu futuro Messias (Sl.132:10 a 17). Em Os.3:5 e Jr.30:9, o Messias chegou a ser identificado com Davi.

No entanto, Davi cometeu um pecado grave que o desabonou, ao cometer adultério e induzir um de seus fiéis soldados ao homicídio (II Sm.12:7 a 9). Com o fracasso dos sucessores de Davi, como por exemplo Salomão, Jeová tinha esperanças de ver seu plano de ação mundial através de um Messias que fosse absolutamente irrepreensível na conduta, para assim justificar que a lei e os mandamentos que ele dera no Sinai eram bons e estabelecer a sua justiça própria (Is.11:1 a 5). Dentro dessa perspectiva,

Jesus “encaixaria como uma luva”, para provar que seria possível alguém cumprir uma Lei tão severa.

Por preencher esses requisitos, Jesus estava nos planos de Jeová. Não na condição de Filho, mas como príncipe (Dn.9:25) de um reino onde Jeová seria rei. Dentro desse plano, caberia ao povo de Israel desfrutar da herança na Terra, enquanto que os estrangeiros vindos de todos os outros povos seriam seus serviçais, para cuidarem de seus bens materiais (Is.61:5 e 6). Jeová pretendia que Jesus fosse o Messias de Israel pela força.

Que Jeová não pretendia jamais abrir mão de sua soberania está claro no exemplo do próprio estabelecimento do primeiro rei de Israel, o qual foi ungido a contragosto de Jeová (I Sm.12:12 e 17).

Alteração compulsória nos planos

A grande frustração nos planos de Jeová foi que Jesus preferiu filiar-se ao Pai (Jo.16:3 a 8) e inserir-se dentro do plano de redenção universal do Pai (Jo.3:16), ao invés de satisfazer os caprichos ambiciosos de Jeová em seu plano segregativo.

A idéia de exclusivismo e estabelecimento do poder pela força, como Jeová propunha, estava fora do propósito de Jesus. Na realidade Jesus manifestou-se primeiramente aos judeus e lhe agradaria começar através de seus próprios patrícios (Mt.23:37), mas como a grande maioria rejeitou, Jesus voltou-se para os gentios (Mt.28:19 e 20).

Após sua partida, levantou Paulo para a continuidade desse ministério, com essa mesma orientação (At.13:46).

No Sl.110:1 e At.2:34 e 35 a primeira menção da palavra “Senhor” diz respeito a Jeová e a segunda a Jesus. No original estão mencionados respectivamente Jeová ou Javé e Adonai. Nesse texto foi profetizada a proposta de Jeová para que Adonai (Jesus) se assentasse à sua direita até que Jeová lhe colocasse todos os seus inimigos como escabelo (banqueta) para seus pés.

Jeová pretendia fazer de Jesus um príncipe vitorioso como Davi para conquistar o mundo (I Sm.2:10 e Sl.2:2 a 8), ainda que isso implicasse no derramamento de sangue de milhões de criaturas.

Porem, Jesus não estava preocupado com aquela glória terrena e acabou rejeitando a unção de Jeová para receber a unção e adoção do Pai. Jesus, portanto não é o Messias de Jeová mas sim do Pai. Isso aconteceu no período em que Jesus deveria escolher o bem e rejeitar o mal (Is.7:14 e 15).

Tratava-se da escolha entre beber do cálice do sofrimento da parte do Pai (Jo.18:11 e Mt.26:42), o qual resultaria em bênção e salvação para muitos, ou o cálice “transbordante da glória terrena” da parte de Jeovah (Sl.23:5), onde Ele só teria que aguardar ser ungido e servido confortavelmente na mesa preparada por Jeová, “na presença de seus inimigos”, como diz o Salmo.

Todo sacerdote era ungido (Lv.4:3 a 5) e Jesus é o sumo-sacerdote de uma Nova Aliança. É evidente que para esse exercício, Jesus precisaria ser ungido.

Jesus foi então ungido pelo Pai com o Espírito Santo e com virtude (At.10:38), que é o “óleo da alegria” mencionado profeticamente no Sl.45:7

O inconformismo de Jeovah

Essa decisão de Jesus, ao tomar partido ao lado do Pai, provocou o ciúmes de Jeová que, inconformado por ver seus planos frustrados, tornou-se opositor velado da Igreja, trazendo distorção e confusão através de muitas traduções e tradições, ocultando assim sua verdadeira identidade ao longo dos séculos. Em Is.45:15 a 17, é admitido que Jeová se oculta.

Essa mudança de comportamento em Jeová não é novidade, pois o mesmo se dava com relação ao povo de Israel. Toda vez que sua vontade era contrariada, Jeová

deixava de ser protetor para se tornar opositor (Lv.26:21, 24, 25, 41; Nm.22:22 e 32; Jl.2:25; Am.4:10; Os.13:7 a 9; Ez.21:3 a 5; etc.).

Na sua derradeira tentativa de subverter Jesus e atraí-lo para seus planos, Jeová comissionou o arqui-inimigo declarado, Satanás, que quer dizer "adversário", para tentar dissuadir Jesus de sua filiação ao Pai, confirmada pouco antes, no batismo, através de uma voz vinda dos céus (Mt.3:17), onde o Pai declarava assumir a paternidade do Filho Unigênito, a qual foi profetizada no Sl.2:7 e ratificada em At.13:33 e Hb.1:5; 5:5.

Nessa persuasão, Satanás usou todos os recursos de bens materiais e a glória terrena que ele declarou haver recebido (Lc.4:5 e 6), mas Jesus já conhecia aquela proposta, pois tratava-se do mesmo galardão oferecido por Jeová aos que lograssem habitar em seu reino terreno (Ez.36:28 a 30).

É importante observar que Lc.4:1 faz referência a dois espíritos agindo sobre Jesus. Um que é o Espírito Santo, do qual diz o texto que Ele estava "cheio", e o outro genérico (não declarado Santo) que o conduziu para ser tentado.

Jesus é Messias universal e não exclusivo de Israel

Jesus teria toda a chance de ser constituído Messias de Israel segundo os propósitos de Jeová, que provavelmente nem incluiriam o suplício sacrificial na cruz. Sua messianidade, porem estaria condicionada ao estabelecimento da lei e dos mandamentos de Jeová com vara de ferro.

Jesus, porem, não é Messias somente para Israel mas também para todo o mundo, porque o desejo do Pai é que todos sejam alcançados e salvos (I Tm.2:4). Por isso Jesus identificou-se à samaritana como o Messias (Jo.4:25 e 26) e não restringiu a adoração aos samaritanos, no monte Gerizim ou aos judeus no monte Sião, mas disse que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito, em qualquer local da Terra onde se encontrarem (Jo.4:23).

Portanto Jesus não é um simplesmente um "Messias nacional" mas um Salvador pessoal, pois o Pai não tem planos segregativos para um povo "exclusivo" nem faz discriminação de pessoas (I Pe.1:17; Rm.2:11; At.10:34 e 35; 15:8 e 9), diferentemente de Jeová, que ensinou os judeus a discriminarem os outros povos tais como os samaritanos (Jo.4:9) e as mulheres (Jo.4:27).

Conclusão

Finalizo esta matéria por aqui, embora muitos desdobramentos poderiam ser feitos em cima do assunto. Espero que o leitor tenha conseguido chegar ao final, lendo todo o conteúdo, para poder então fazer sua análise crítica.

Quanto ao fato de concordar ou discordar, totalmente ou parcialmente do que foi apresentado, todos tem direito de ficarem com aquilo que lhes parece ser mais verdadeiro.

Não é objetivo deste trabalho trazer confusão na mente de ninguém, nem fazer sensacionalismo em torno do assunto aqui abordado, mas sim despertar o raciocínio de alguém que não esteja comprometido com dogmas e tradições, para o estudo deste tema, o que julgo ser proveitoso.

Quero, portanto, colocar-me a disposição para responder os eventuais questionamentos ou simplesmente receber orientações sobre aquilo que foi apresentado, pois também busco a integridade da verdade na Palavra de Deus e não gostaria de persistir num erro, caso estivesse me baseando em alguma tese sem consistência e sem a devida sustentação doutrinária. Para isso deixo meu endereço E-mail na página inicial deste website, a fim de que aqueles que quiserem fazer seus comentários ou questionamentos possam fazê-lo.

Não creio que este trabalho tenha desonrado ao Deus Altíssimo, Pai de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, mas sim tê-lo feito ainda mais admirável por causa de Seu

amor, compreensão, paciência e longanimidade para com todos os homens, sem qualquer discriminação racial ou favorecimento de qualquer pessoa.

Da mesma forma, não creio ter diminuído a glória do Filho, antes tê-lo feito reconhecido como salvador pessoal, sacerdote eterno e amigo, o qual não prevaleceu pela força, embora pudesse fazê-lo, mas por causa da humildade e obediência ao Pai.

Oswaldo Carvalho